

SESSÃO 39 – ARTIGOS

ESCRITA ACADÊMICA MAQUINANDO FORMAÇÕES

Margareth Sacramento Rotondo¹
Sônia Maria Clareto²

Resumo: Escrita se faz em maquinação com escritas de teses e dissertações e artigo desenvolvidos no Travessia Grupo de Pesquisa da Faculdade de Educação da UFJF. Maquina também com Gilles Deleuze e Félix Guattari e com Clarice Lispector. Escritas maquinam modos de existir numas academias e de resistir na e à Academia. Escrita de escritas: máquina de máquina de máquina... inventa fluxos turbilhonares em pesquisares e educações e escritas e leituras e e e ...: formações.

Palavras-chave: Máquina; escrita; formações.

*Tratar a escrita como um fluxo,
não como um código*
Deleuze

Estrela alguma. Fim de tarde, um pouco de som para relaxar, música que mantenha as coisas nos seus devidos lugares, nos seus derradeiros e últimos lugares! *A preocupação do Estado é conservar.* Conquistas devem ser mantidas a qualquer custo! *o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade* Um pouco de álcool para manter a sonolência, um pouco de comida para manter o estômago, um pouco de sexo para manter o desejo sempre ativo, mas paralisado. *que tomamos habitualmente por modelo* Em bocados e em parcelas – tudo em 10x para manter o sucesso das contas. *ou segundo a qual temos o hábito de pensar.* Escolas para manter filhos educados e civilizados. Prisão para os delinquentes e os degenerados e asilos e medicamentações para os desviantes e loucos. Em qualquer espaço, odes à satisfação. *A preocupação do Estado é conservar.* Carro japonês, com ar condicionado. Um emprego, um zoológico, uma viagem para Paris – um pouco de alemão e inglês. *o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade* Porção de espetáculo para estabelecer sensação de unidade e uniformidade: todos, afinal, são iguais – Um grande regozijo: não há nada do outro

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Travessia Grupo de Pesquisa. E-mail: margarethrotondo@gmail.com.

² Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Travessia Grupo de Pesquisa. E-mail: sclareto@yahoo.com.br.

lado – à espreita de aplausos sonoros e reconhecimento. *que tomamos habitualmente por modelo* Reflexos sem espelho. Trabalho que mantenha as condições de consumo infinitas... *ou segundo a qual temos o hábito de pensar.* No limite, uma boa cama, um estômago satisfeito e nada de chuva e relâmpagos e apagões, além da fofoca e das imagens infinitas da eterna novidade do mesmo... Enfim, o topo!

Movimentos de captura: territorializar. Cristalizar. Habituar. Habituar o pensamento. Habituar a existência. Habituar os fazeres. Habituar a leitura. Habituar a escrita. Doses de citações para adquirir uma imunidade, contra uma inconsistência? Habituar. De tanto habituar, gorar embaixo de guarda-sóis. *o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade*: modos de pensar e de fazer e de existir e de ler e de escrever... Pesquisar: um fazer interiorizado em O Modo. Modo delineado por regras e hipóteses a serem comprovadas. Pensar, então não-ação, condiciona-se na representação antecipada. Existir ressentindo o já esperado. Por fim, uma escrita descrição de um trajeto previsto para a pesquisa. *O mecanismo exige e exige minha vida. Mas eu não obedeco totalmente. Aprender a desfazer, e a desfazer-se, é próprio da máquina de guerra: o “não-fazer” do guerreiro, desfazer.*

A pesquisa como condição de existência. *Colocar o pensamento em relação imediata com o fora, com as forças do fora, em suma, fazer do pensamento uma máquina de guerra. A escrita como modo de vida. um empreendimento estranho cujos procedimentos precisos pode-se estudar em Nietzsche.* Talvez, na pesquisa, o desafio não seja apresentar resultados, resolver, consertar, dar respostas, mas fundamentalmente tornar visível as forças que atravessam o campo e a escrita. E se a pesquisa tornasse escrita da vida? *o aforismo, por exemplo, é muito diferente da máxima, pois uma máxima, na república das letras, é como um ato orgânico de Estado ou um juízo soberano. E se a pesquisa-escrita se tornasse vida-escrita? E se a vida se tornasse pesquisa e a*

pesquisa vida? E se pesquisar fosse tornar-se? *um aforismo sempre espera seu sentido de uma nova força exterior, de uma última força que deve conquistá-lo ou subjugá-lo, utilizá-lo. E se? Se? É. São. Simples assim.*

Como habitar um pesquisar em seu fluxo com a vida? Do fundo remoto do corredor espreitava-me o espelho. Como não destinar um pesquisar à cópia e à comprovação do pré-visto? Máquina que tudo vê, mas não se deixa ver. Negar a conservação? Continua ele, do alto da sua importância, insistentemente com a mesma pergunta desdenhosa: Quem és tu? Exercitar o estranhamento? Incapaz de uma resposta adequada, ignoro-o. Ou ao menos tento. Romper com métodos delineados? Certa vez tentei cobri-lo. Outros me perseguem. Inventar métodos, pesquisando, mapeando forças e devires? Espelhos. Reflexos. Que vida afirmar? Mesmo confronto insistente: Quem és tu? Quem és tu? Quem és tu?

O próprio pesquisar e escrever da tese é uma política da existência. Vida escrita no corpo. As histórias de vida não preexistem à composição. Ecoando na escuta: Junto às nuvens e junto à escrita que desloca... que manda para as favas do imprescrutável a miséria da apreensão, do enquadramento e da certeza em algum sentido... Pesquisadora e narrador não preexistem àquela composição. Vão sendo produzidos no encontro.

Escrever tem a ver com um mo(vi)mento. É algo que acontece no corpo e o faz vibrar.
Um corpo forma texto cria. Um corpo cria mais corpo na escrita. Corpo é escrita. Escrita é corpo.

O corpo texto encontra + corpo em produção de mais corpo. Comocorpoescritatecido, corpo cola no texto na produção de corpo. Vida escrita no corpo.

Corpo +imagem + texto + música + cola + corpo + papel + cola + corpo + música +texto + cola + cola + música + aline + camila + cláudia + cláudio + fabrício + fernanda + geovar + giovani + leiliane + lucas + marcos + margareth + maria paula + marina + marta + nina + paulo ricardo + raphaela + sônia + tarcísio + vinícius + imagem + cola + texto + corpo + imagem + cola + texto + cola + corpo ++++++ = forma= educaçãooutra = corpo = nu. *Todo pensamento é já uma tribo, o contrário de um Estado.*

Escrita maquina com escritas que maquinam com pesquisar que maquinam com mestrar que maquinam com doutorar que maquinam com vidas que maquinam com viver que maquinam com educar que maquinam com formar que maquinam com formação que maquina com artistar que maquinam com artes que maquinam com palavras que maquinam com línguas que maquinam devires que maquinam que maquinam que maquinam... Esta máquina produz em torno de si uma atmosfera diferente.

A escrita não é a imagem do mundo segundo uma crença enraizada. Ela faz rizoma com o mundo, há evolução a-paralela da escrita e do mundo, a escrita assegura a desterritorialização do mundo, mas o mundo opera uma reterritorialização da escrita, que se desterritorializa por sua vez em si mesmo no mundo (se ela é disto capaz e se ela pode).

O regime da máquina de guerra é antes a dos afectos, que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composições de velocidade entre elementos. Sempre que começava a escrever a tese, o texto acadêmico era invadido por personagens que ecoavam vozes ouvidas e lidas. O afecto é a descarga rápida da emoção, o revide, ao passo que o sentimento é uma emoção sempre deslocada, retardada, resistente. Tenho urgência em

escrever. Tenho urgência em destinar. Trata-se de destinação, então? *Os afectos são projéteis, tanto quanto as armas, ao passo que os sentimentos são introceptivos como as ferramentas.*

Escrita rasgada rasgando e vazando em textos duplicados triplicados n-plicados sem cópias. Escrita bloco composição. Uma costura-escrita atravessada por multiplicidade de linhas, retalhos, nós e laçadas. Escrita maquinando pesquisa ocupando com formação com processo com ética com estética. criar ruído nas palavras, dilatar a espessura dos enunciados, e fazer ecoar gritos, urros ou sussurros entre as linhas que se escrevem. Pesquisa como dispositivo de atenção à vida. Escrita como vida, como modo de viver. *Como a escrita vem se produzindo e como venho me afetando e correndo os riscos ao pesquisar abrindo-me para o novo?*

Pesquisa rente ao chão da vida produzindo pensar arrombado que inventa língua que pede escrita. Escrever torna-se um escape. Escrever é falar. É se mostrar. Escrever dói. Abala. Dilacera. Se instala no território do atrito. Eu e mundo.

O que move, em mim, o trabalho?
Isso: escola, currículo e matemática.
Só isso.
Quando penso que vou em frente,
[...]
Só isso: escola, currículo e matemática.
fito essa costura-escrita e sinto que caminhei para trás.
Escola sem o resto.
Tento.
Currículo sem o resto.
Escorrego.
Matemática sem o resto.
Caio. Esfolo.
-Acredita nessa doença?
[...]
Escola é resto!
Currículo é resto!
Matemática é resto!

E todo resto também o é!

As vestes se rasgam.

-Acredita nessa doença?

Senão é resto, o que é? Onde tem currículo fora do resto?

Mim mesma do avesso.

-Acredita nessa doença?

Matemática, difícil de ensinar e de aprender.

Parece que procuro explicar como cheguei aqui,

-Acredita?

Há doenças.

do ontem que literalmente fui,

Os sentidos estão adoecidos.

do hoje que literalmente sou

Uma membrana cobre os olhos.

e do amanhã que quero literalmente ser

O paladar não saboreia.

Incoerentes palavras

O ouvido não ouve.

de alguém que persegue

O olfato não cheira.

a liberação do tempo.

O tato, pele dura, espessa,

tenta o impossível, ser impermeável.

Tento.

Outros sentidos sem nome também estão doentes

por, e para, separar o restante:

Escorrego.

Da escola, do currículo, da matemática,

do professor, do aluno...

Caio.

Modelos matemáticos. Modelos.

Esfolo.

-Acredita nessa doença?

As vestes se rasgam. Mim mesma do avesso.

E o que resta?

As vestes se rasgam. Mim mesma do avesso.

Aprendizagens.

Isso mesmo: APRENDIZAGEM

da, e na, matemática. Tirando tudo, resta!

As vestes se rasgam. Mim mesma do avesso.

Resta aprendizagem!

-Acredita nessa doença?

O escrever tornado questão: como dar voz aos pequenos fragmentos marginais que marcam o corpo-escrita-pesquisa? Escrever não é nada confortável. Nada tem de confortante. Escrever dói. Como dar língua aos afetos que se inscrevem nas margens da pesquisa-escrita? Escrever dói. Abala. Dilacera. Se instala no território do atrito. Eu e mundo. Inevitável ir trocando de peles. Trocando? Produzindo, talvez! escrever, agora, o que poderá ser meu caminho de pesquisa, constitui, para mim, mais do que um caminho ou método a seguir. Pensei que o silêncio após tanta falação e escrita seria um bom exercício.

Entre falações e silêncios, uma escrita. Uma escrita, conexões de escritas com *Deleuze* com *Guattari* com *Clarice Lispector* com Aline Aparecida da Silva com Ana Lygia Vieira Schil da Veiga com *Cláudio Orlando Gamarano Cabral* com Fabrício da Silva Teixeira Carvalho com Fernanda de Oliveira Azevedo com Marcos Vinícius Leite com Raphaela Malta Mattos com Tarcísio Moreira Mendes com mais outros tantos em Travessia³.

Conexões em escrita

AZEVEDO, Fernanda de Oliveira. *Composições Quaresma*: produção matemática e formação. Exame de Qualificação Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 17/03/2015.

CABRAL, Cláudio Orlando G. “*Embora não seja médica, acredito que o aluno tem algum distúrbio emocional e precisa de medicamento para auxiliar na sua conduta*”: escola e medicalização. Exame de Qualificação Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 31/03/2015.

CARVALHO, Fabrício da S. T. *EducaçãoArteprofessorartista*. Segundo Exame de Qualificação de Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 02/04/2015.

³ Travessia Grupo de Pesquisa, certificado pelo CNPq, abrigado no Núcleo de Educação, Ciência e Tecnologia NEC/FACED, da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

CLARETO, Sônia Maria; VEIGA, Ana Lygia V. S. da. Uma escrita de muitos ou uma escrita em Travessia. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (Org.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Contemplado pelo Edital de Editoração da FAPERJ-RJ 1.2014. No prelo.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Tradução P. P. Pelbart e J. Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

LEITE, Marcos Vinícius. *Trajetórias em Devir(es) – como corpo se tornou quem. Como pensamento se tornou alguém e como algum no encontro com dizeres e restos de uns se tornou qualquer*. Segundo Exame de Qualificação de Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 17/03/2015.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MATTOS, Raphaela Malta. *Entre retalhos e alinhavos: (des)costurando uma professora de artes*. Exame de Qualificação Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 19/03/2015.

MENDES, Tarcísio Moreira. *Uma formação esquizita, uma educação bricouler – processo ético e estético e político e econômico*. Defesa de Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 20/03/2015.

SIVA, Aline Aparecida da. *Currículo de Matemática e Aprendizagem*. Exame de Qualificação Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 18/03/2015.

VEIGA, Ana Lygia V. S. da. *Fiar a escrita: políticas de narratividade – Exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica*. Um modo de existir em educações inspirado numa antropologia da imanência. Defesa de Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF, 16/03/2015.